



INTERSECCIONALIDADE

FEMINISMOS
PLURAIS

COORDENAÇÃO
DJAMILA RIBEIRO

CARLA
AKOTIRENE

Carla Adriana da Silva Santos

- ✓ Assistente social no município de Salvador – Bahia – Acolhendo vítimas de violência doméstica;
- ✓ Mestre e doutoranda em estudos interdisciplinares de Gênero, mulheres e feminismo (UFBA);
- ✓ Coordena o projeto de extensão da UFBA: OPARÁ SABERES – Grupo de instrumentalização teórica e metodológicas de mulheres negras candidatas ao mestrado e doutorado em universidades públicas;
- ✓ Filha da Orixá Oxum.

POR QUE AKOTIRENE?

“[...] quando falamos de quilombos logo pensamos na figura masculina, mas temos que lembrar da participação efetiva das mulheres negras e indígenas como lideranças femininas que até hoje seguram e alimentam todas as comunidades quilombolas e as que fizeram e fazem história até hoje, **como Akotirene, a primeira líder de Palmares**, e Dandara, guerreira que lutou ao lado de Zumbi”

Disponível em: <https://medium.com/revista-bravo/akotirenes-e-dandaras-1a0c6f2bbe34>

Orixá Oxum Opará

- ✓ A representação humanizada de uma das qualidades da Orixás.
- ✓ A figura da mulher guerreira, intempestiva, a fusão das águas dos rios com a ventania, por vezes também é retratada como impiedosa e punitiva.
- ✓ Ancestralidade e candomblé; Energia e umbanda

Disponível em: <https://umbandaead.blog.br/2016/03/02/quem-e-oxum-apara/>



Imagem disponível em:

https://www.google.com/search?q=oxum+opara&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKewi_sM-VmeXIAhWRHbkGHY14DTcQ_AUIEigB&biw=1366&bih=657#imgrc=Tg4kXA1_bf4L0M

Sobre o OPARÁ SABERES: (inter)relações entre vida acadêmica x vida pessoal e as águas “o atlântico como um lócus de opressões cruzadas”

“Apesar de ter feito dissertação denunciando o racismo institucional imposto às mulheres negras encarceradas, nada de substancial estava fazendo para trazer outras negras para o Mestrado/Doutorado e, assim, aumentar o front. (...) No Mestrado, a apatia impediu de ajudar com unhas e dentes outras mulheres.” (AKOTIRENE, 2017)

Cruzando o atlântico em memória da interseccionalidade.

Interseccionalidade:

Termo cunhado pela intelectual afro-estadunidense Kimberlé Crenshaw:

visando à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado (matriz colonial), produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais. (AKOTIRENE, 2019, p. 19)

Ao encontro de Colins, Akotirene **considera o termo interseccionalidade como um sistema de opressão interligado. (AKOTIRENE, 2019, p.21)**

Cruzando o atlântico em memória da interseccionalidade.

O atlântico como um lócus de opressões cruzadas

“Lágrimas do oceano”

- ✓ Tradução da história de migração forçada de africanas e africanos;
- ✓ Feridas coloniais causadas pela Europa: etnias traficadas como mercadorias, culturas afogadas, escravismo, desumanidades e ancestralidades.

(AKOTIRENE, 2019, p. 20)

Essas lágrimas são cantadas nos pontos, orações e lamentos – candomblé e umbanda.

“[...] Fui chamado de cordeiro mas não sou cordeiro não. Preferi ficar calado que falar e levar não. O meu silêncio é uma singela oração. Minha santa de fé. Meu cantar vibram as forças que sustenta o meu viver. Meu cantar é um apelo que eu faço a Nãnaê.”

Música: -Cordeiro de Nanã - Mateus Aleluia e Thalma de Freitas



Cruzando o atlântico em memória da interseccionalidade.

Mulheres negras são sobrepostas por:

Discriminações Geracionais: imposição – mercado de trabalho;

Discriminações de classe: perdem o dinheiro da aposentadoria para os netos e adultos da família – infantilização da mulher negra;

No pensamento de Sojourner Truth: mulher negra como burro de carga da patroa e do marido;

Não existe tempo de parar de trabalhar – racismo estrutural;

(AKOTIRENE, 2019, p.26)

Cruzando o atlântico em memória da interseccionalidade.

**MARCAÇÃO DE RAÇA COMO GARANTIDORA
DAS MULHERES BRANCAS NA SEGURIDADE
SOCIAL!**

- Emprego formal;

-patroas;

-A união de classe, raça e geração envelhece
mulheres negras antes do tempo

(AKOTIRENE, 2019, p.27)

Cruzando o atlântico em memória da interseccionalidade

As geografias do colonialismo limitam as capacidades humanas;

Interseccionalidade: Articulação das clivagens identitárias;

(AKOTIRENE, 2019, p.45)

Vamos pensar direito: Interseccionalidade e as mulheres negras.

o caso “general motors” – o cruzamento do racismo e sexismo trazendo vulnerabilidade para as mulheres negras.

- 1976 mulheres negras processaram a general motors por discriminação – a empresa segregava força de trabalho por raça e gênero;

Homens negros – linha de montagem

Mulheres brancas – secretariado

Para a Corte masculina e branca foi difícil compreender a realidade interseccional

Vamos pensar direito: Interseccionalidade e as mulheres negras.

- ✓ Colisão de avenidas identitárias: barreiras raciais e sexistas;
- ✓ A interseccionalidade baseada no feminismo negro conta os porquês de mulheres brancas poderem representar judicialmente as mulheres de cor, bem como os homens negros poderem representar toda a comunidade negra na corte.
(AKOTIRENE, 2019, p. 64)

Vamos pensar direito: Interseccionalidade e as mulheres

A Lei Maria da Penha:

Como resultado de articulação internacional de feministas brancas, em sua maioria, de classe média e acadêmicas;

✓ Queixa das mulheres negras: Estigmatização pelos aparelhos do Estado; Moradoras da periferia;

“a polícia que mata os homens no espaço público, é a mesma que deixa as mulheres morrerem dentro de suas casas”

✓ Relação com a eficácia para mulheres brancas e negras: “Mulheres negras querem mediar o fim da violência sem, necessariamente, demandarem a prisão dos seus companheiros, levando em conta a marca colonial conter a privação de liberdade”

(AKOTIRENE, 2019, p.67-69)

Ainda sobre a Lei Maria da Penha...

✓ Faz crítica a falta da aplicação interseccional

“O racismo do negro não é igual a gordofobia da mulher branca, menos ainda, homens negros não são menos oprimidos que mulheres negras”

-> Atenção à matriz colonial

A interseccionalidade descarta análises competitivas de quem sofreu primeiro, ajuda a enxergar as opressões e o reconhecimento de que algumas são mais dolorosas que outras, mas não deixam de ser opressões.

(AKOTIRENE, 2019, p. 97)

Vamos pensar direito: Interseccionalidade e as mulheres

Crenshaw disserta sobre a subinclusão da discriminação:

Invisibilidade e silenciamento de problemas emergidos por forças econômicas, culturais e sociais;

(AKOTIRENE, 2019, p.73)

Atlântico e a diferença entre irmãs: críticas ao conceito de interseccionalidade.

Irmãs:

Na diáspora africana:

-com experiências atlânticas do feminismo descolonial (Maria Lugones);

-Visibilidade as mulheres subalternizadas;

-Sororidade (universal) dá a falsa ideia de empatia e de homogeneidade: “As mulheres negras tem umbigos diferentes e seus cordões foram cortados em contextos diferentes”

(AKOTIRENE, 2019, p. 77)

Atlântico e a diferença entre irmãs: críticas ao conceito de interseccionalidade.

Matriarcalidade negra:

Mulheres negras: dor física; feminização da pobreza; por gerações são chefas de família;

São impedidas de gritar violência fora do espaço familiar tradicional.

Para as amefricanas e epistemologias africanas, o macho não é a norma.

(AKOTIRENE, 2019, p.79 - 84)

A crítica de Angela Davis

A interseccionalidade repete o conteúdo do feminismo negro sem citar todas as mulheres e organizações anteriores ao termo;

A necessidade de identificar o racismo e o sexismo com a mesma gravidade;

(AKOTIRENE, 2019, p. 107-108)

Cruzar o atlântico nem sempre encerra a travessia

“O atlântico gera maresia feminista durante a travessia interseccional”;

- Enfrentamento do padrão colonial dando força e movimento à maré

-A coragem de Kimberlé Crenshaw ao cunhar o termo interseccionalidade: Direito – branco e elitista;

(AKOTIRENE, 2019, p.113)

Interseccionalidade...

Marielle Franco atirada ao trânsito colonial:
Atingida pela encruzilhada do racismo, sexismo
e lesbofobia.

Interseccionalidade: é a autoridade intelectual
de todas as mulheres que um dia foram
interrompidas; é sofisticada fonte de água,
metodológica, proposta por uma intelectual
negra, por isto é tão difícil engolir os seus fluxos
feitos mundo afora.

(Akotirene, 2019, p. 114)

Enfrentemos o padrão colonial:

“[...] igual a Marielle Franco, morta numa quarta-feira, dia de domínio de xangô ancestral da justiça, e de Oyá, energia guerreira que luta sem medo da morte, e que está viva no rio Níger por nove vezes. A presença ancestral de Marielle Franco contorna leis para enfrentar os regimes jurídicos do colonialismo brasileiro”

(AKOTIRENE, 2019, p. 113)

Vídeo: O que é feminismo interseccional? - Djamila Ribeiro

<https://www.youtube.com/watch?v=P88Ln07WyAI>

Obrigada!

Ana Laura Bonini Rodrigues de Souza

Feminista

Bacharela em Direito

Mestranda em Educação

E-mail: boninianalaura@yahoo.com.br e/ou boninianalaura00@gmail.com

UNESP/ FFC – Campus de Marília – SP.